

a terra é redonda

Daniel Bensaïd - intelectual em combate



Por FÁBIO MASCARO QUERIDO*

Introdução do livro sobre a trajetória do marxista francês

Versão bastante modificada e condensada de uma tese de doutorado em sociologia, defendida em 2016 no IFCH/Unicamp, sob orientação do professor Marcelo Ridenti, este livro almeja - como seu objetivo geral, em torno do qual gravitam os mais específicos - analisar e conferir inteligibilidade à trajetória de um intelectual contemporâneo que, na sua especificidade, sintetiza alguns dos dilemas dos intelectuais politicamente engajados nas últimas décadas: Daniel Bensaïd (1946-2010).

Não por acaso, como se verá, especial destaque é dado à forma como Daniel Bensaïd respondeu e, assim, se reposicionou intelectualmente frente à mudança de época que se inicia, na Europa, no final dos anos 1970, ampliando-se na década seguinte, até o epílogo da derrocada do socialismo burocrático na URSS e no leste europeu entre 1989 e 1991.

A fim de perseguir esse objetivo, toma-se como parâmetro o modo como a redescoberta da obra de Walter Benjamin o auxiliou nessa travessia no deserto europeu: com o filósofo alemão à *l'esprit*, Daniel Bensaïd encontrou um caminho possível por onde, sem renunciar às esperanças revolucionárias de outrora, se tornava possível, em sua ótica, buscar respostas aos desafios apresentados ao marxismo e aos intelectuais politicamente engajados, obrigados que são a sair em busca da legitimidade perdida. Isso porque, sabe-se bem, nem mesmo na França - a pátria dos intelectuais, a antiga República das Letras, *lócus* por excelência dos intelectuais engajados, de Émile Zola a Jean-Paul Sartre - essa figura resistiu intacta ao novo espírito do tempo, cujo rebaixamento do "horizonte de expectativa" parecia lhe retirar a própria razão de ser.

Entender os móveis histórico-sociais e, ao mesmo tempo, os resultados autorais produzidos em meio a essa tensão entre um intelectual formado na atmosfera dos anos 1960 e a época que se abre a partir dos anos 1980 é, portanto, o que se pretende fazer aqui.

Objetivo para cuja realização se impõe a necessidade de uma abordagem capaz de articular - o que é fácil de dizer, difícil de fazer - a análise da obra e a reconstituição da trajetória nas suas relações com as condições determinadas da cena intelectual correspondente, e, por fim, com as mudanças do contexto histórico-social mais amplo. É em meio a esse quadro complexo que se comprehende a importância decisiva da obra de Walter Benjamin na trajetória de Daniel Bensaïd a partir dos anos 1980.

Naquele momento, Walter Benjamin lhe aparecera como uma orientação intelectual e política em um período em que o marxismo se encontrava sob fogo cruzado, acusado pelos crimes e desastres provocados em seu nome. Isso explica o modo profundamente interessado com que Daniel Bensaïd interpreta o crítico alemão: falando e escrevendo sobre Benjamin, muitas vezes é como se estivesse falando e escrevendo sobre si próprio, num contexto - como o da virada para os anos 1990 - em que, embora muito menos dramático do ponto de vista de suas consequências imediatas, parecia tão ou mais

a terra é redonda

difícil para os intelectuais marxistas do que os anos 1930, já que o que agora estava em xeque era a ideia mesma de que outro mundo era possível e, em particular, desejável. Estávamos no auge, vale lembrar, da proclamação desabusada do fim de tudo: da história, das ideologias, das utopias, das classes sociais e etc.

Ninguém melhor do que Walter Benjamin, nesse cenário, para ajudá-lo a realizar um novo diagnóstico de época, a fim de apreender os contornos do capitalismo contemporâneo sem, por outro lado, renunciar à ideia de que uma forma de sociedade qualitativamente distinta daquela proclamada como vencedora ainda é possível e necessária - além de desejável. Tanto quanto Gramsci, para quem o pessimismo da razão não desautoriza o otimismo da vontade, Benjamin apostava na possibilidade de que o pessimismo - necessário diante de uma situação adversa - se transmutasse num impulso para a ruptura com um estado de coisas aparentemente imodificável. O pessimismo, ou, mais precisamente, o "pessimismo revolucionário", era o que, para o crítico alemão, aproximava visões de mundo distintas, embora não antitéticas, como o marxismo e o surrealismo.

Para um benjaminiano ainda vinculado à tradição marxista revolucionária "clássica", como Daniel Bensaïd, o desafio a ser enfrentado era semelhante na sua forma, a despeito das diferenças históricas substantivas entre os anos 1920 e 30 e os anos 1980 e 90. Era preciso, afinal, apreender sem bloqueios doutrinários as razões da derrota. É nesse contexto que se desabrocham as afinidades benjaminianas de Daniel Bensaïd com Michael Löwy: ambos encontraram em Benjamin uma bússola intelectual e política para se guiar em meio às mudanças com as quais se deparavam, dentre as quais o declínio da figura do intelectual engajado, denunciada como cúmplice benelovente dos totalitarismos de todo tipo.

Por isso mesmo, como a leitora e o leitor poderão observar, Michael Löwy será presença constante neste livro. Em primeiro lugar porque a tese de doutorado, defendida em 2016, também abarcava a trajetória de Michael Löwy, autor sobre o qual já trabalhara no mestrado. Mas, mais fundamentalmente, porque a comparação com Michael Löwy nos permite apreender de modo mais circunstanciado a dinâmica e as mudanças do itinerário intelectual de Daniel Bensaïd, como se o percurso de um espelhasse o outro, num contraste em que ambos se entrelaçam como "vasos comunicantes" à procura da renovação de uma tradição que se recusam a abandonar, e tampouco a simplesmente celebrar.

Intelectual em combate numa época que lhe é desfavorável, Daniel Bensaïd estava "à esquerda do possível" - designação por ele utilizada a propósito de Benjamin - não porque se contentava em se situar à esquerda de um possível já pré-definido de antemão, mas sim porque estabelecera como uma das tarefas do intelectual engajado a de contribuir para alargar pela esquerda aquilo que é definido como espaço do possível. Ao "senso do real", absolutizado pelos positivistas, Daniel Bensaïd acrescenta o "senso do possível", segundo os termos do escritor austríaco Robert Musil, por ele admirado e citado. Tal qual o trapeiro baudelairiano, sob as vertigens da multidão, Daniel Bensaïd reconhece o mal-estar coletivo reinante, mas, ao mesmo tempo, pressente nessa atmosfera indeterminada a possibilidade de uma nova invenção democrático-radical e, por isso mesmo, anticapitalista.

À luz dos objetivos gerais acima referidos, o livro está dividido em três partes, abrangendo, respectivamente, o antes, o durante e o depois da incorporação ativa, por Daniel Bensaïd, da reflexão benjaminiana sobre a história, em meio às transformações políticas e culturais do período. Assim, se na primeira parte é abordado o percurso intelectual e político de Bensaïd nas décadas de 1960, de 1970 e meados da de 1980, na segunda, o objetivo é compreender os diversos condicionantes que, juntos, explicam a inflexão benjaminiana pela qual passou o filósofo francês a partir do final dos anos 1980.

Para isso, além da análise dos textos (de Bensaïd) e dos contextos (da época), o livro explora alguns aspectos da trajetória intelectual, assim como da recepção da obra de Walter Benjamin ao longo da segunda metade do século XX, a fim de localizar aí a especificidade da interpretação bensaïdiana.

Finalmente, na terceira e última parte do livro, são analisados os desdobramentos dessa inflexão no itinerário de Daniel Bensaïd das décadas de 1990 e 2000, até o seu falecimento relativamente precoce, em 2010, com 63 anos. Especial destaque é conferido à maneira como, nesse cenário, Daniel Bensaïd se utilizou da referência benjaminiana como baliza

a terra é redonda

para um reposicionamento intelectual visto como necessário em um contexto marcado pelo estreitamento do horizonte de expectativas.

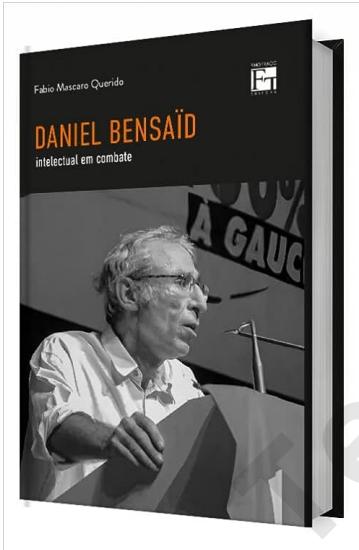
Reposicionamento que ganha novas formas e dimensões a partir do final de 1995, com o movimento social vitorioso contra a reforma da seguridade social proposta pelo governo liberal-conservador liderado por Jacques Chirac (presidente) e Alain Juppé (primeiro-ministro). A partir de então, Daniel Bensaïd abriu novas frentes de intervenção, estabelecendo diálogo não apenas com diversas vertentes do marxismo, mas também com a filosofia política e com a sociologia crítica. No centro de suas preocupações estava a necessidade de uma reativação sob novas bases da política, da “política profana dos oprimidos”, como ele dirá, em chave benjaminiana, em contraposição tanto ao totalitarismo ecomônico quanto aos recuos identitários e/ou religiosos.

Fábio Mascaro Querido é professor no Departamento de Sociologia da Unicamp.

Referência

Fábio Mascaro Querido. *Daniel Bensaïd: intelectual em combate*. Belo Horizonte, Fino Traço, 2022, 272 págs.

<https://amzn.to/3P2wkSH>



A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)